

ESPELEOGÊNESE DE CAVERNAS COLÚVIO-MARINHAS DA ILHA DE SANTA CATARINA, SC, BRASIL

Silva, M.^{1,2}; Horn Filho, N.O.¹; Bastos, T.V.^{3,4}

¹Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGG, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC; ²Espeleo Grupo Teju Jagua – EGTJ; ³Graduação em Geologia, Universidade Federal de Belo Horizonte – UFMG; ⁴Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

RESUMO: As cavernas marinhas da Ilha de Santa Catarina se formaram quando o nível relativo do mar (NRM) esteve mais alto que o atual, circunstância em que a erosão costeira agia nas costeiras e costões da face leste da ilha, provavelmente nos últimos 2MA antes do presente (AP), relativo ao Quaternário. Uma conjunção de fatores propiciou a formação dessas cavidades: as fraturas da rocha sendo impactadas pelas ondas e sedimentos inclusos; os sais minerais presentes na água do mar que recristalizavam e contribuíam para a expansão das fraturas; areias grossas a muito grossas e grânulos sendo lançados pelas ondas contra as costeiras e costões aumentando a abrasão marinha; presença de intrusões básicas (diabásios) orientadas em direção semelhante à das ondulações (NW-SE); bem como zonas de fraqueza da rocha por conta das intrusões. Após o rebaixamento do NRM, as cavidades ficaram expostas e atualmente, a Ilha de Santa Catarina possui 35 cavernas marinhas cadastradas no Cadastro Nacional de Cavernas – CNC, da Sociedade Brasileira de Espeleologia – SBE. Os resultados apresentados nesse trabalho são parte da pesquisa de doutorado da autora. No caso da Furna dos Morcegos (SC_43) e da Toca da Nega (SC_44), adiciona-se mais uma fase no processo formador, pelo fato dessas cavidades não possuírem teto rochoso, como as demais cavernas. A Furna dos Morcegos foi formada a partir de um par de fraturas subverticais em forma de “X”, possui azimute 225°, aproximadamente 20m de desenvolvimento linear, formato linear afunilado, tanto em direção ao fundo, quanto em direção ao teto, com dois salões: um na entrada e um no fundo, ocorrendo um estreitamento entre eles. A Toca da Nega formada a partir de uma única fratura vertical, possui azimute 20°, 13,75m de desenvolvimento linear, entrada com 3,35m de altura, 4,27m de largura e formato linear com apenas um salão. Ambas as cavernas são constituídas em suas paredes laterais por ignimbrito, típico da unidade litoestratigráfica Suíte Vulcano-Plutônica Cambirela, de idade de 600Ma AP. Inicialmente, caracterizavam uma fenda e o rebaixamento do NRM permitiu que processos erosivos atuassem – eventos de tempestade juntamente com a gravidade – culminando no preenchimento dessas fendas com material coluvial; uma nova sobre elevação do NRM erodiu parte do preenchimento coluvial, resultando numa caverna marinha com teto predominantemente coluvial. Algumas evidências demonstram esse processo, como o teto coluvial presente nessas cavidades com seixos e blocos facilmente removíveis e marcas de queda de blocos. Além disso, é nítida a transição entre as paredes da rocha e o teto de colúvio. O piso da caverna é cascalhoso, com seixos e blocos rolados, semelhantes aos encontrados no teto.

PALAVRAS-CHAVE: CAVERNAS MARINHAS; ILHA DE SANTA CATARINA; ESPELEOGÊNESE